

UM SHABAT EM HAQUETÍA

Dedicado a Moisés Salgado, nosso querido Moshitinho

“Mais do que Israel cuidou do Shabat, o Shabat cuidou do Povo de Israel”

O ano era 1975. O lugar, a Escola Mossinzon em Magdiel, Israel. Ali quase absolutamente tudo era novo para ele e muito do que via, ouvia e lhe acontecia se dava por primeira vez em sua jovem vida.

Naquele lugar, no coração daquele minúsculo país, com apenas 27 anos de vida renascida, respirou e vivenciou uma nova realidade e um sem fim de novas experiências. Aprendeu, aprendeu muito. Ampliou seus horizontes. Logo ele, vindo lá do distante interior da Floresta Amazônica.

Seu mundo, seu entendimento da vida e o conhecimento e vivência judaica, se restringia às práticas das tradições religiosas. Mas um dia foi tomado de um impulso que não lhe surpreendeu e resolveu cruzar o Atlântico e o Mediterrâneo e aterrissar na terra que até então só ouvira falar em orações na sua esnoga.

Na nova escola, aprendeu e praticou de tudo um pouco, exceto as tradições religiosas, que vivenciara até aqueles dias. Aquelas práticas ficaram para traz. Na verdade adormecidas até o dia em que na aula de literatura judaica, foi apresentado a vários poetas, que narram tudo o que aprendera em seus estudos religiosos, sob um novo olhar.

Mais tarde ele soube que era a poesia nacional israelense, a poesia da nova terra, da terra redimida pelo trabalho braçal de homens e mulheres e não resultado da redenção divina. Esta ainda está sendo aguardada. Mas enquanto isso, ele ainda não sabia, milhares de jovens pioneiros deixaram para trás um passado de perseguições, massacres e genocídio, prometendo a si mesmos que não retrocederiam e que nada os deteria. Ele soube que a àquilo tudo, a nova história que vinha sendo escrita enquanto ele respirava, chamavam sionismo – o movimento de redenção nacional dos judeus. Foi então que deduziu que além de judeu, era agora um judeu sionista e secular.

Nunca se perguntou por que possuía aquela enorme paixão pela literatura. Fato é que tinha. E quando o professor de literatura hebraica, Tzvi Yampolsky, começou a apresentar à sua turma, romances, contos, crônicas e poemas em hebraico, passou a sentir-se como vivendo em outra dimensão. E aquilo lhe fazia bem, ah! como fazia. Anos depois soube que o que estava vivendo, era a descoberta do adormecido. Que tudo aquilo já estava nele. Entendeu que se tratava do que ele passou a chamar de herança atávica.

Quando mais tarde começou a estudar de maneira mais profunda suas origens ancestrais, foi descobrindo que gerações e gerações dos seus, assim como todos de seu grupo étnico, os judeus sefarditas, liam, cantavam e compunham, obras literárias

milenaes, que atravessaram os séculos chegando até os seus dias. E que a inspiração, a temática e a forma de tais escritas, era de uma riqueza incomensurável e dinâmicas em seu estilo e gênero. E que, portanto, a inspiração que movia seus autores nada mais era do que aquela mesmo que movia seus antepassados. E deduziu que fazia parte daquela corrente.

Aprendeu, também, que aquela literatura, fora durante 2000 anos de exílio, escrita em vários idiomas, sendo o hebraico, momentaneamente, restringido aos textos sagrados. E que agora aqueles jovens idealistas, haviam decidido que doravante só escreveriam em hebraico. E não aquele hebraico multimilenar, e sim um hebraico moderno, renascido.

Era uma lista de nomes infundável que o mestre Yampolsky, trazia a cada semana: Ishai Agnon, Nathan Alterman, Lea Goldberg, Amir Guiboa, Hana Szenes, lehuda Amichai, Bentzion Tomer, Shaul Tchernichovsky e o grande Chaim Nachman Bialik, o poeta nacional de Israel.

Todos lhe traziam um prazer imenso de ler, mas Bialik, e seu poema *“Imi zichroná livrachá”* (*“Minha mãe de abençoada memória”*), lhe causou um enorme impacto e o acompanha até hoje em cada Kabalat Shabat, a partir do instante em que sua amada ilumina a casa ao acender as velas que anunciam a chegada da *kalá*, a amada noiva de todos nós, que visita os lares judaicos do mundo, sempre às sextas-feiras:

“Lechá Dodi likrat Kalá, pnei Shabat Nekabelá”

E o que narra Bialik nesse seu poema? Escreve sobre sua mãe de abençoada memória, uma pobre e humilde viúva e sua fé inabalável. E conta que:

“Num determinado Shabat não havia velas nem comida em casa. Procurou e encontrou 2 centavos e pensou: “Pão ou velas”? Optou pelas velas para abençoar. Porém ao acender as velas seu coração dolorido deixou cair uma lágrima e uma das velas se apagou. E ela clamou: estas depreciando, meu Deus, a oferenda de uma viúva? Se pequei, o que faltou ao teu Shabat? E outra lágrima ardente deslizou de seu rosto e ao cair a casa se encheu de luz, porque a vela apagada acende”.

E assim ele encerra:

A mãe abriu os olhos e a luz de 7 dias os deslumbrou, porque a Shechiná, os beijou.

Que seu mérito nos alcance, a nós e a todo Israel.

Por muitos anos pensou que aquela emoção pela qual era tomado toda vez que lia ou lembrava o poema, logicamente, se dava por duas razões óbvias: Primeiro porque o poema realmente é muito belo e emocionante. E segundo por que o conhecera naqueles tempos tão marcantes de sua juventude.

Um dia preparando uma palestra sobre a santidade do Shabat, resolveu reler o poema e nele basear sua fala. Num dado momento de suas reflexões, percebeu que aquela

mãe não era a mãe do poeta apenas, mas sim de toda uma nação. E que o Shabat era dos muitos momentos do calendário tradicional judaico, o que mais reafirma a unidade do povo judeu. E lhe ocorreu que aquela abençoada viúva poderia ser sua amada avó, Simi Elbaz, uma sefardita de Tânger.

A única diferença entre elas era que a mãe do poeta, certamente falava iídiche, o idioma dos judeus da Europa Central e Oriental, os ashkenazitas. Já sua avó falava o dialeto dos sefarditas do Marrocos, a haquetía.

Resolveu então, deixar que sua imaginação o levasse em uma mágica viagem a um passado no qual não vivera fisicamente, mas que sempre habitara sua memória afetiva.

Não conheceu sua avó, ela faleceu quando ele era apenas um bebê com 1 ano de vida. Mas sempre escutara seu pai de abençoada memória, seus tios, tias, e sua mãe, contarem passagens da vida simples de sua avó paterna, que muito cedo se tornara viúva.

Simi vivia numa pequena e humilde casinha, na avenida Joaquim Nabuco, no antigo centro de Manaus. A casa mesmo pequena e muito simples parecia se tornar um enorme palacete, quando a cada sexta-feira ela recebia com imensa alegria seus filhos, filhas, noras e genros para a cerimônia de Kabalat Shabat, seguida de um jantar.

Como toda boa judia tangerina, ela falava muito mal o português, e quando falava, era com seu sotaque carregado, de um espanhol mesclado a um árabe bem antigo.

Bem à vontade mesmo, ficava quando estava entre os seus e podiam entre eles falar em haquetía . Ah! aquilo era uma festa:

- Fueron todos meldar en la esnoga?

- Si immá, respondeu Alegria

- Ferazmal David, que estas a chuchear con Anita? Si quieren chuchear que sea hadreando en haquetía.

- Simi hoje tem Adafina? Era Miriam uma de suas noras a perguntar

- Y cuando no? Ya esta en el adafinero , adafinando desde la mañana. Y ya esta mui bien adafinado.

- Y ala kiddús immá, que estamos hambrientos.

E assim foram cerca de 3000 *sabbátot* que Simi Elbaz Elmaleh preparou para receber os seus.

E ele, mesmo não estando lá fisicamente, a cada Sabbát que celebra, retorna à casa de sua avó e por lá corre pelo pequeno quintal, mexe curiosamente nos objetos e fotos

antigas. E sempre pergunta a ela quem é aquele senhor barbudo do quadro na parede , sobre o móvel onde estão acesas as velas.

- És Ribí Shímon Bar Iochai HaKadóx, nuestro gran *saddik* qué bendize a las casas nuestras, mi neto.

- Ah! agora entendi *sabta*. Aba está sempre dizendo o nome dele. Eu pensei que era algo com raio – “barioraio”

Haha! No mi neto *endiamantado* . És un *kadóx*.

Ele depois soube que aquela pintura do santo Ribí Shímon Bar Iochai fora trazida por seu avô, o chacham Eliezer Elmaleh Ben Reuven do Marrocos e que já pertencia a família a pelo menos 200 anos.

A pintura original trazida por seu avô, ficou com seu tio mais, Reuven, que levava o nome do seu bisavô e ainda está entre os seus.

Mas nas casas de todos seus familiares e de quase toda família judia originária do Marrocos, lá está Ribí Shímon Bar Iochai.

É que ele, aquele santo sagrado e justo, trás com ele a eterna presença da *sejiná*, que a cada Sabaát visita casas de todos aqueles que conseguem perceber Sua presença sagrada.

-